

A MORTE E A RECOMPOSIÇÃO DA VIDA COMO DESFECHOS TRÁGICOS: ESTUDO COMPARADO DE *O ABRAÇO* (1995) E *SAPATO DE SALTO* (2006), DE LYGIA BOJUNGA

Luciana Ferreira Leal (FACCAT)

RESUMO: Nesse texto, pretende-se estudo comparativo entre a representação trágica contida em *O Abraço* e *Sapato de Salto*. Busca-se compreender como o trágico, associado às experiências sexuais das protagonistas, resulta em desfechos completamente opostos. Em *O Abraço*, o sofrimento da protagonista tem origem na violência sexual vivida na infância. Em seu aniversário de oito anos, Cristiana sofre um estupro pelo “Homem da água”. Inicialmente, a lembrança dolorosa manifestava-se somente em sonhos, mas depois o inconsciente impede a manifestação até no meio onírico. Entretanto, certo dia, em um circo, o palhaço desperta as lembranças adormecidas no inconsciente e o trauma da infância se manifesta em toda a sua crueza. Cristina reconhece, na figura do palhaço, o “Homem da água” e, em vez de repudiá-lo, sente-se atraída pelo seu agressor. *Sapato de Salto* retrata a trajetória de Sabrina, criada em orfanato, que é resgatada para trabalhar como babá na casa de uma família burguesa. A menina, com apenas 11 anos, pensa ter encontrado uma família, até sofrer estupros recorrentes pelo patrão. No decorrer da narrativa, aparece a verdadeira família de Sabrina, na figura da Tia Inês e de sua avó, entretanto, o ex-namorado de Inês a assassina. Para não voltar ao orfanato e sustentar a avó, Sabrina se prostitui, mas acaba encontrando na família de André Dória o apoio que necessitava. Aspectos do trágico, como *Hybris*, presságios e patético, fazem-se presentes nas duas narrativas em questão. No entanto, o trágico de que é acometida Cristina, em *O Abraço*, a leva à degradação, cujo caminho que lhe resta é a morte. Em *Sapato de Salto*, ainda que o trágico também tenha conduzido Sabrina à degradação de si, o desfecho é outro: ela reverte o seu destino trágico para a reconstrução de sua vida.

Palavras-chave: Trágico. Lygia Bojunga. *Sapato de Salto*. *O Abraço*.

Simbologia, desmedida e patético: *O Abraço* de Lygia Bojunga

A obra *O Abraço* (1995) recebeu em 1996, pela Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (FNLIJ), os prêmios Orígenes Lessa e Altamente Recomendável. Em 1997, foi agraciada com o prêmio Adolfo Aizen, outorgado pela União Brasileira de escritores (UBE) e, em 2004, fez parte do conjunto de obras que recebeu o Prêmio em Memória de Astrid Lindgren. Todas estas premiações comprovam a qualidade literária da obra.

Em *O Abraço*, o fato narrado – o estupro – assume um tom de confissão. A linguagem utilizada para descrever os acontecimentos particulares de Cristina e suas implicações sentimentais logo nos remete à maneira característica do tipo de linguagem utilizada em diários pessoais. A partir disso, Cristina resgata seu passado. E Clarice, a amiga desaparecida aos sete anos, passa a ser um ícone de suas lembranças passadas. A autora utiliza o *flashback* como recurso de construção temporal da narrativa, para contar passagens da infância, para unir e esclarecer os fatos.

Cristina está atormentada pelo desejo de rever o palhaço e a mulher mascarada que conhecera em uma festa. A mulher telefona-lhe e a convida para outra festa que, como na noite anterior, haveria encenação de contos. Ao chegar à festa, Cristina reencontra o palhaço, que a arrasta para a mata, a estupra e a enforca com uma gravata.

O futuro revelado durante a narrativa faz-se presente quando os presságios, espalhados no decorrer da ação transformam-se em realidade. Os indícios, que edificam a previsão da fatalidade, conquistam forte efeito, particularmente nos momentos em que se prepara ou realiza o trágico. As descrições dos cenários, dos objetos, dos acontecimentos e das personagens são fundamentais, pois funcionam como indícios e avisos que caracterizam o trágico no desenrolar da narrativa. Esse caráter descritivo acentua as situações que organizam o sistema de forças inevitáveis. Os presságios conjugam-se no final trágico.

Os presságios e simbologias permeiam todo o texto. Já nas primeiras páginas, quando o grupo de amigos se reúne na casa de Jorge para ler junto *O Abraço*, uma mulher desconhecida e mascarada lembra-se de uma personagem que não está presente: a Morte. O grupo tenta se justificar, argumentando que a passagem da morte é muito rápida pelo conto, entretanto, a mulher, incisiva, diz que, apesar de passagem rápida, a morte é a personagem principal do conto e se oferece a interpretá-la. O conto que as personagens leem é a narrativa homônima lida por nós, leitores, o que nos permite perceber que a morte também terá papel principal no conto que lemos.

O mistério se instaura quando em conversa com a mulher mascarada, e também, ao sentir o abraço da mesma, Cristina suspeita de que ela seja Clarice, a amiga de 7 anos que desaparecera num fim de tarde, em São Pedro da Aldeia, onde a família

passava as férias. O vizinho a vira conversando com um homem, mas depois disso ninguém nunca mais viu Clarice. É impressionante o mistério que envolve o sumiço de Clarice.

O rio também carrega carga simbólica. Metáfora da vida, fugaz, transitório e efêmero, o rio é a descoberta maior de Cristina, aquilo que mais gostou de ter descoberto. O curso das águas é a corrente da vida e da morte. Foi no rio que sentiu a sensação de ter alguém por perto. Sentiu que um homem estava sumindo atrás de uma árvore. (BOJUNGA, 2010, p.24). A sensação se realiza, quando, de olhos abertos dentro d'água pra ver o peixe passar, sente alguém segurando firme seu braço. Sua impressão é a de que era um homem feito de água. O mesmo rio também aparece como ambiente de sonho de Cristina com Clarice. O ambiente corrobora com o sentimento da personagem. Sentindo-se totalmente insegura nesse sonho, diante da perplexidade de uma Clarice não mais menina, mas uma jovem crescida, sem conseguir falar ou chorar, o céu escurece e a protagonista fica sem saber se é noite ou temporal chegando. Tanto a noite quanto o temporal carregam consigo nuances negativas e conotativas de medo, pavor, destruição e morte. O rio, o vento e o tempo param. Clarice está morta e compartilha com Cristina seu último abraço. Mas este abraço, a protagonista não reconhece, é diferente de todos os outros.

O mistério se instaura, o cabelo que ele traz em uma caixinha de fósforo dentro do bolso é igualzinho ao de Cristina. Ele disse que era dela e, como ela não se lembrava, ele desejou levá-la ao local em que havia cortado. Nesse momento, nos deparamos com mais uma cena de presságio e antecipação: “ele estava de testa franzida, me olhando. Meu coração bateu esquisito” (BOJUNGA, 2010, p.27). Para ela, uma situação nova, para ele, possivelmente, a certeza de que já tinham se encontrado antes e que ela era a Clarice.

O patético aqui se presentifica. Ele a puxa para dentro da mata, tapa-lhe a boca, morde-a. Um grande indício de que haverá outra vez e que a mesma será definitiva é a fala da personagem: “ _ Se eu apertar esse nó vai doer e dessa vez eu não quero te machucar”, (BOJUNGA, 2010, p.28). Mais adiante, o leitor se depara com o seguinte comentário do Homem da Água: “desta vez você não vai morrer no meu abraço”

(BOJUNGA, 2010, p. 33). O “dessa/desta vez” permite intuir que haverá outra vez e que esta poderá ser fatal. A descrição da primeira cena de estupro é patética, digna de terror e também de piedade

Em vários momentos do conto, deparamo-nos com abraços significativos: o abraço entre Cristina e a mulher misteriosa, que, para a protagonista, é o mesmo abraço da Clarice. O abraço também é um elemento simbólico nessa narrativa. Em sonho, Clarice revela à Cristina que foi morta com um abraço. E a partir desse sonho começam a brincar de abraço: abraço de feliz aniversário, de feliz ano novo, de amor, de chuva, de domingo, de aula de Matemática.. São muitos os abraços dados e recebidos pela protagonista. Entre Cristina e Clarice, poderia, metaforicamente, representar a tentativa de união das duas personagens em uma só ou a maneira da protagonista sentir-se protegida. Já o abraço recebido pelo Homem da Água e pelo Palhaço pode ser a representação linguística e eufêmica do estupro. O último abraço dado por Clarice em sonho é o abraço do não perdão. Um abraço diferente, comprido, desconhecido.

O Abraço, de Lygia Bojunga, é uma obra repleta de símbolos. Observando a personagem de Clarice, verificamos que ela surge como uma personagem simbólica. Clarice aparece sempre nos sonhos de Cristina o que já aponta a simbologia da personagem. O Homem da Água é outra personagem símbolo. Ele nos chama a atenção pelo tom denunciativo e a Mulher Mascarada aparece como alegoria da morte.

A *hybris* denota espécie de desmedida. Na tragédia grega, o herói traz consigo a falha de ser dotado de *hybris*. Relacionada ao equilíbrio e à racionalidade do século V a.C., a *hybris* representa a desmedida do individualismo. Nessa tragédia, a *hybris* é normalmente seguida da *hamartia*, erro sem culpa, pois é cometido inconscientemente, mas capaz de provocar a desordem no universo social.

Cristina incorre em *hybris*, ela entrou no rio mesmo sabendo do perigo que essa desmedida representava. A imersão no rio já poderia simbolizar a morte.

A maior desmedida é não repudiar o homem que a estuproou, ao contrário disso, ela sente-se atraída e obcecada por ele. A mulher de máscara tem a função de punir Cristina por ter perdoado um crime imperdoável: “E você vai e transforma o abraço do

não-perdão num abraço de tesão: você é mesmo uma infeliz, você merece o pior” (2010, p. 64)

Nas últimas páginas do livro, mais presságios, premonições e desmedidas. A autora, convertida em personagem e amiga de Cristina, tenta dissuadi-la de ir à festa organizada pela Mulher Mascarada, tenta convencer Cristina que presságios e premonições precisam ser levadas a sério. A própria Cristina sente uma coisa esquisita dentro de si, uma premonição. Ela intui que acontecerá uma coisa horrível com ela na tal festa. Sua *hybris* é não dar a importância devida à sua premonição. É não levar a sério sentimentos tão profundos.

No jardim da casa onde aconteceria a festa, Cristina sente o cheiro da terra. O mesmo cheiro que sentiu aos oito anos. Como a mulher lhe havia prometido, o ensaio seria sem máscara. Cristina estava muito curiosa, pois queria certificar-se se se tratava ou não de Clarice. No entanto, a máscara não saía. A máscara fazia parte da personagem mais simbólica da narrativa.

Logo em seguida, chega a terceira personagem, o palhaço. Susto e fascinação se misturam. Cristina vai se deixando puxar para o fundo do jardim. Olha para trás, não vê mais a mulher. Lembra fortemente do rio passando, do cheiro do pão, da chuva batendo no teto de sapê. Grita por Clarice. Logo vê a gravata saindo do macacão do homem. Quer gritar de novo, mas a gravata cala o grito: “Cristina mal consegue tomar fôlego, já sente a gravata solavancando pro pescoço e se enroscando num nó. Que aperta. Aperta mais. Mais”. (BOJUNGA, 2010, p. 81-82)

Como na tragédia grega, o herói, que incorre em *hybris*, é penalizado. Com a morte da protagonista, sente-se forte efeito, abalo moral, impressão profunda, como na tragédia grega, merecedora de terror e condolência. O mundo do herói moderno não é governado pelos deuses, mas pelo capital, pelo individualismo.

No romance bojunguense não é possível falar em cura das emoções pelas emoções. O drama dos protagonistas não se configura como sacrifício individual para garantia da ordem coletiva, tal qual ocorre na tragédia ática. A morte de Cristina e de Clarice não contribuem para a construção de nova estrutura social, apesar de

constituírem uma contundente denúncia ao estupro. Aí estão como registro de uma realidade degradante que, no entanto, não se modifica com o sacrifício dos heróis.

O trágico em *Sapato de Salto*: dissolução e perspectiva de novos caminhos

O leitor, por meio de analepses, principalmente de personagens rememorando seu passado, sabe que Inês de dançarina transformou-se em prostituta e usuária de drogas por se apaixonar por um homem dez anos mais velho que ela. Sabe também que Maristela, mãe Sabrina, aos quinze anos, após dar à luz, atirou-se num rio com uma pedra atada ao pescoço, porque o pai da criança, um homem mais velho e casado, não queria saber dela nem da menina.

Aspectos do trágico se fazem presentes neste texto. O erro de Inês precisa ser reparado e a personagem trágica sente o peso do destino. O assassinato acontece na casa onde moram no momento em que o explorador vem cobrar satisfações de Inês por ter abandonado o serviço. Ele atira a queima roupa contra toda a sua indignação. A teatralidade da cena provoca terror e compaixão no leitor, que se sente impotente diante da reviravolta do destino das personagens.

O destino de Maristela, assim como o da irmã, carrega a tragicidade das personagens que caem em desmedida e por isso são punidas por um destino trágico, contra o qual não conseguem lutar.

As simbologias, presentes na narrativa, figuram-se, principalmente, no sapato de salto e na pedra. O sapato de salto alto é o símbolo de transfiguração tanto de tia Inês quanto de Sabrina. A pedra que Dona Gracinha segura sempre em sua mão é a pedra que Maristela atou ao pescoço ao se suicidar. Segundo o *Dicionário de Símbolos* de Jean Chevalier e Alain Cheerbrant (2000), existe entre a alma e a pedra uma relação estreita.

Já nas primeiras páginas do livro, o indício de possível relação entre Sabrina e Gonçalves: Matilde, “de noite tinha um sono de pedra” (BOJUNGA, 2011, p. 13). Gonçalves dá presentes a Sabrina, mas pede-lhe segredo. Sabrina progredia nos estudos, e Gonçalves estava desejoso para saber se em “outras aulas iam ser tão bem assimiladas

assim”. Aqui nos deparamos com mais um indício do abuso e, na sequência, a realização do mesmo. Cena patética é desvelada ao leitor. Diante dos apelos de Sabrina,

- Que que há, seu Gonçalves? Não faz isso, pelo amor de deus! O senhor é que nem meu pai. Pai não faz isso com a gente. _ Conseguiu se desprender das mãos dele. Correu pra porta. Ele pulou atrás, arrastou ela de volta para a cama:

_ Vem cá com o teu papaizinho.

_ Não faz isso! Por favor! Não faz isso! _ Tremia, suava. _ Não faz isso!

_ Fez. (BOJUNGA, 2011, p. 22)

A cena é digna de terror e piedade. Diante dela, o leitor se abate, pois se dá conta de que há incesto, não no sentido literal do termo, mas há incesto psicológico e afetivo, uma vez que, para Sabrina, Seu Gonçalves é um pai e um pai, teoricamente, não faria o que ele fez.

O desejo de Sabrina era o de sumir, mas, como não tinha para onde ir, era mais fácil ficar: “e o grande segredo dos dois passou a animar a vida dele, a botar sombra nos dias dela” (BOJUNGA, 2011, p. 23). Não mais conseguia se concentrar nos estudos. Gostava tanto de desenhos coloridos, mas nunca mais desenhou.

O Capítulo segundo, denominado de “A tia Inês” funciona como o divisor de águas na história de vida de Sabrina. A descrição de Inês é feita aos moldes do Realismo. Essencialmente minuciosa, com destaque ao corpo e à roupa, ressaltando o aspecto sensual, Sabrina começa a conhecer sua história. Sabe, agora, que tem uma tia e uma avó por ela. Inês conta-lhe da mãe que se lançou ao rio com uma pedra amarrada ao pescoço, logo após deixá-la na casa dos abandonados. Ambas sabiam que a vida não era uma festa, entretanto, “na hora de atravessar a rua a tia Inês pegou a mão da Sabrina. De rua atravessada, seguiram do mesmo jeito: mão dada” (BOJUNGA, 2011, p. 39). A cena é forte para o leitor, afinal, apesar da vida não ser uma festa, tia e sobrinha caminham de mãos dadas. E será essa união, essa força que acompanhará Sabrina ao longo do enredo.

Sabrina conta à tia do abuso que sofrera. Com medo de a tia ficar triste, não entender, a garota adiou a revelação. Sabrina também se preocupa em saber se a mãe dela, se viva estivesse, entenderia o que lhe aconteceu. Inês fica triste com a atitude de seu Gonçalves, mas entende as condições de Sabrina. Maristela, segundo Inês, também

entenderia. Afinal, quando grávida, se prostituiu para não passar fome. As condições adversas, que as quatro mulheres dessa família enfrentam, desolam o leitor.

Em se tratando dos presságios e simbologias, elementos do trágico, devemos considerar que os mesmos são fundamentais, visto que personalizam o ambiente trágico que envolve a intriga. O primeiro presságio envolvendo a vida/morte de Betina ocorre quando, um mês antes de seu nascimento, Paloma se despede de Leonardo e sente muito medo, chega ao pânico:

De repente ela se agarra com tanta força no braço de Leonardo, que ele se volta surpreso. E se surpreende ainda mais ao ver o medo que tomou conta da cara de sua irmã. (BOJUNGA, 2011, p. 80).

_ Eu tô com medo, Léo, eu tô com muito medo! (BOJUNGA, 2011, p. 81).

_ Eu tô com medo, Léo, eu tô cheia de pressentimentos ruins [...] (BOJUNGA, 2011, p. 82).

Quando Inês consegue reorganizar a família, na casa amarela, na cidadezinha de infância, a felicidade das três é destruída pelo antigo namorado de Inês. Denominado “O Assassino”, o capítulo oitavo carrega em seu título intensa carga pressagiosa. Ele chega à casa das três e “como a Sabrina não sabia que ele ia ser o assassino, resolveu perguntar”. Antes mesmo do assassinato se efetivar, o leitor presente o que acontecerá, mesmo torcendo para que nada de mal aconteça às três. O clima é de tensão e de muitos presságios. Sabrina sente nervoso e chega a perder a fome.

O futuro revelado durante a narrativa faz-se presente quando os presságios, espalhados no decorrer da ação transformam-se em realidade. Os indícios, que edificam a previsão da fatalidade, conquistam forte efeito, particularmente nos momentos em que se prepara ou realiza o trágico. As descrições dos cenários, dos objetos, dos acontecimentos e das personagens são fundamentais, pois funcionam como indícios e avisos que caracterizam o trágico no desenrolar da narrativa. Esse caráter descritivo acentua as situações que organizam o sistema de forças inevitáveis. Os presságios conjugam-se no final trágico. (LEAL, 2014)

O patético é capaz de despertar a comiseração, a piedade, a pena, a condolência diante da aflição da personagem. Despertar esse sentimento é capacidade artística de comover poderosamente por meio da palavra. Muitos são os elementos que contribuem

para a expressão do patético, entre eles, podem-se destacar determinados acontecimentos da história, os diálogos e também a narração. (LEAL, 2014)

A primeira referência patética da obra trata do bilhete que Maristela escreve, mas que chega à sua mãe apenas depois de alguns anos. A leitura do bilhete toca o coração do leitor, que se entenece diante de um destino trágico, de uma vida destruída em tão plena juventude, de um amargor tão profundo sentido pela personagem.

É patética também a cena em que figura Dona Gracinha e Maristela, em que a mãe descobre que a filha está grávida de seis meses. O pai da criança é mais velho, casado e pobre, por esse motivo não há perspectiva de que assuma a gravidez e a namorada, nem proporcione vida digna às duas. Dona Gracinha se desespera, é dura com as palavras. Fala-lhe de todo o sacrifício que faz, do intenso trabalho para dar vida digna às filhas. Não se conforma em receber a gravidez da filha como paga a tantas abnegações.

O terror e a piedade que o espectador sente diante do que pode suceder ao herói trágico, diante do destino que o espera, nada tem de abnegação ou desprendimento – esse terror trágico é egoísta: o espectador não receia apenas pelas personagens que assiste, mas também por si próprio (LEAL, 2014). Nesse sentido, ressaltamos que o que mais toca o leitor é a condenação de Dona Gracinha a si própria, ao arrepender-se de ter sido tão dura com a Maristela, ao atribuir a si própria a culpa pelo suicídio de filha.

É patética a cena em que Inês, decidida a morar com o explorador, comunica à mãe já com a mala na mão. Agarrada e puxada pela Dona Gracinha, livra-se dela com um empurrão, que a impulsiona para o chão. Mais tarde, Inês vem a saber que aquela queda fora a causadora da quase morte de Dona Gracinha se não tivesse sido socorrida pela patroa. O tombo lhe custou a insanidade e o internamento em asilo psiquiátrico.

Todavia, o que de mais patético existe na narrativa é o assassinato de Inês. Ao recusar viver novamente com o antigo namorado que julgava morto, a discussão inicia plena de ofensas, xingamentos, deboches e presságios de um final trágico. Na briga travada entre os dois, socos e pontapés também atingem Sabrina que tenta proteger a tia.

É patético porque o leitor sente comiseração, sente piedade. Inês consegue se livrar da droga, da prostituição, do homem que a explorava. Consegue reorganizar a

família, dar uma vida decente para a mãe, um lar para a Sabrina e amor para as duas. No entanto, a paz familiar dura pouco e ela é tentada pelo demônio e por ele é morta.

Ao leitor, resta a melancolia ao constatar que toda a perspectiva de vida feliz de Sabrina é destruída em tão pouco tempo. Não bastasse viver sem família num lar de órfão, ser abusada pelo patrão quando tem a esperança de ter encontrado uma família, uma proteção, quando tem a ilusão de que Gonçalves poderia lhe suprir a carência paterna, perde a tia violentamente e agora está só, mas, desta vez, com a avó demente.

No que diz respeito à *hybris*, deve-se ressaltar que ela tem importância fundamental no pensamento e na ação dos gregos. Trata-se justamente do oposto àquilo que por eles é buscado nos mais diversos planos. Tal noção condensa o conjunto de vícios humanos segundo a noção clássica: a exacerbação, o exagero etc. A *hybris* passa a constituir, ao lado de seu contrário, a justa medida, o centro das atenções e dos debates (LEAL, 2014).

Não é preciso dizer que o leitor se depara, nesta obra, com personagens dotadas da *hybris* própria do herói trágico. Paloma, a mãe do Andrea Doria, perde Betina no parto. Apesar de orientada pelo médico e pelo marido a marcarem uma cesárea, ela insiste no parto natural. Apesar dos maus pressentimentos, Paloma só permite a cesárea quando é informada que Betina corre risco de morte. Entretanto, há uma explosão no hospital quando se é necessário tentar a respiração artificial em Betina e ela não resiste. Rodolfo a acusa pela morte de Betina, a acusa por ter cometido um crime.

Na visita à casa amarela, com o pretexto de levar-lhes panquecas ou bolo, intensa amizade se sela. Sabrina abre o coração para Paloma: a prostituição, a necessidade, o medo de se separar de sua avó e voltar ao orfanato, a saudade doída de tia Inês, a história sofrida da mãe, o seu desejo de ser bailarina. O trato é estabelecido entre as duas. Sabrina não mais precisará vender seu corpo para comprar comida. Paloma providenciar-lhe-á o que precisar. A idéia de adoção de Sabrina parte de Leonardo, é o encorajamento que Paloma precisa para pensar durante dias na proposta do irmão.

Muitos diálogos interiores foram precisos para Paloma ter a coragem de adotar Sabrina e avó. Mas, como tinha de ser, comunicar essa decisão ao marido não foi nada

fácil. O enfrentamento de Rodolfo fortaleceu Paloma. Apesar das críticas, ironias e acusações do marido, ela está resoluta e firme em sua decisão e é apoiada por Andrea.

Paloma revela suas intenções à Sabrina. Emocionada, as lágrimas chegam, crescem, transbordam. Paloma e o leitor contemplam a emoção muda da menina e a preocupação da mesma com a avó. O final é aberto e surpreende o leitor. Enunciadora de um “nada é para sempre” (BOJUNGA, 2011, p. 222), Paloma pronuncia:

– Vamos levar ela também, Sabrina; vamos ver se dar certo. Mas se não der, eu te prometo que arrumo um bom lugar para ela se tratar. Sabrina se levantou num pulo. Abraçou a Paloma; abraçou o Andrea Doria; abraçou a Dona Gracinha; correu pro som, botou música; pé, braço, cabelo, corpo, tudo desatou a dançar, celebrando a nova estação de vida que ia começar. (BOJUNGA, 2011, p. 262)

Dona Gracinha não conseguiu fazer de Inês a dançarina profissional que desejou. Já Inês foi impedida de proporcionar para Sabrina a formação em dança. Quem sabe agora, Paloma conseguirá contribuir para que o sonho da avó e da tia se efetive em Sabrina. Pois, a dança, a liberdade de expressão corporal, é a alegria de Sabrina, é a arte que a liberta e transforma sua vida. O final permanece aberto para futuras mudanças e rumos inusitados.

Considerações finais

Por fim, se torna necessário dizer que as duas obras analisadas de Lygia Bojunga em momento algum atribui um sentido pedagógico ao leitor. Seria um grande erro tentar levantar alguma hipótese que se iguale a esse caráter moral. *O Abraço* (1995) e *Sapato de Salto* (2006) vão além disso. Estes livros nos confrontam com as questões mais complexas da existência do ser humano. A autora talvez não queira mostrar ao leitor respostas sobre os assuntos que rondam a natureza humana, mas, possivelmente, deixar perguntas que nos façam indagar, refletir, pesquisar. Não seria essa a principal função da literatura? Ela não corrompe nem edifica, portanto, mas, trazendo livremente em si o que chamamos o bem e o que chamamos o mal, humaniza em sentido profundo, porque faz viver (CANDIDO, (1972, p. 806).

Nesse texto, pretendeu-se estudo comparativo entre a representação trágica contida em *O Abraço* (1995) e *Sapato de Salto* (2006). Busca-se compreender como o trágico, associado às experiências afetivas das protagonistas, resulta em desfechos completamente opostos.

Aspectos do trágico, como *Hybris*, presságios e patético, fazem-se presentes nas duas narrativas em questão. No entanto, o trágico de que é acometida Cristina, na narrativa *O Abraço*, a leva à degradação, cujo caminho que lhe resta é a morte. Em *Sapato de Salto*, ainda que o trágico também tenha conduzido a personagem Sabrina a conflitos que renascem com a mesma intensidade e capacidade de destruição de outrora, o desfecho é outro: ela mergulha em seu íntimo, explora sua potencialidade e mostra, com a ajuda de Andrea Doria e Paloma, que lacunas do passado precisam ser preenchidas.

Ao comparar-se as duas obras, observa-se que em *O Abraço*, Cristina, ao incorrer em *hybris*, é penalizada com a morte e, portanto, sofre também um processo catártico. E *Sapato de Salto*, a garota Sabrina, ainda que envolva de elementos trágicos, tem desfecho completamente diferente. Presume-se, portanto, que a redenção ocasionada com a morte da tia Inês e de Maristela liberta a jovem Sabrina, do mesmo desfecho trágico.

Referências

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Eudoro de Souza. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

BOJUNGA, Lygia. *O Abraço*. 6 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2014.

_____. *Sapato de Salto*. 2 ed. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga, 2011.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de Símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 15 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2000.

LEAL, Luciana Ferreira. *Elementos do trágico em Eça de Queirós: A tragédia da Rua das Flores e Os Maias*. São Paulo: Editora da UNESP, 2014.